



PUC
RIO

CORRESPONDÊNCIA FORMAL ENTRE MODELOS PSICODINÂMICOS
DE FREUD E KURT LEWIN

Maria Aparecida Campos Mamede Neves

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea
CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil
<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
Departamento de Psicologia

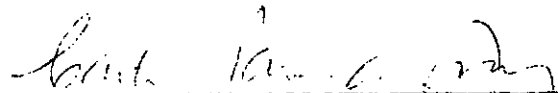
CORRESPONDÊNCIA FORMAL ENTRE MODELOS PSICODINÂMICOS
DE S. FREUD E K. LEWIN

por

Maria Aparecida Campos Mamede Neves

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção
do grau de

MESTRE EM PSICOLOGIA



Carlos Paes de Barros

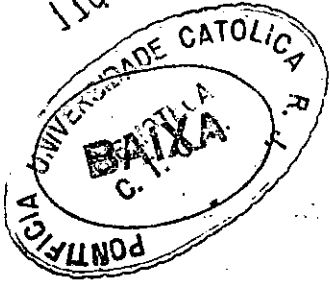
- Orientador da Tese -

Rio de Janeiro, GB, Dezembro de 1972.

78071



BC



150
N518C
TESE UC
BT - 3624-8
ex 1

A

Carlos Paes de Barros,

o mestre

A G R A D E C E M O S

Ao Departamento de Educação: pela compreensão e o apoio de cada colega permitindo nos levar a termo o trabalho a que nos propúnhamos.

Ao Departamento de Psicologia: pela oportunidade, a nós concedida, de contarmos com um Supervisor de envergadura do Dr. Carlos Paes de Barros.

S U M Á R I O

Tendo como referência o modelo da Teoria de Sistemas em Equilíbrio, foi realizado um estudo das proposições teóricas de Freud e Kurt Lewin sobre motivação, com o intuito de verificar a correspondência formal entre esses modelos.

O trabalho foi dividido em quatro partes:

1. - considerações fundamentais, essenciais à explicitação dos pressupostos metateóricos e da tática investigativa dos autores escolhidos;
2. - exame dos conceitos de motivação da Teoria Psicanalítica;
3. - exame dos conceitos de motivação da Teoria de Campo;
4. - a correspondência estrutural entre os modelos dos dois autores.

Com relação à Teoria Freudiana, foi apresentado o funcionamento do Aparelho Psíquico tal como foi proposto por Freud no "Projeto" (1895) e tendo em vista as reavaliações de Barros (1971).

Com relação à Teoria de Campo, além das considerações gerais sobre a topologia do Espaço Vital, foram discutidos os conceitos de intenção, necessidade, valência e locomoção.

Procurou-se demonstrar que o conceito de motivo definido como a força capaz de elicitar, dirigir, manter, coordenar e integrar a conduta humana - está representado na Teoria Freudiana pelo desejo e na Teoria Lewiniana pela intenção.

Na análise crítica das formulações de Kurt Lewin o autor propõe ser a valência, uma força de campo, de acordo com a nomenclatura da Física, de onde o conceito foi retirado.

A fim de verificar-se a correspondência entre os conceitos dinâmicos de Freud e Lewin, foram discutidas as etapas da evolução de um sistema em equilíbrio: a) estado inicial do sistema - "estado estacionário"; b) transformação reversa; c) sistema afastado do estado estacionário - com o surgimento de uma força (motivo) redutora de tensão; d) transformação espontânea-causada por esta força; e) estado final - retorno ao estado estacionário inicial.

A adoção desta linguagem mostrou-se adequada na explicitação do funcionamento do Aparelho Psíquico freudiano e no Espaço Vital de Lewin.

Na determinação da conduta humana admitiu-se uma confluência de causas e dois desses determinantes - impulso dirigido para objetos e impulso para reduzir tensão - foram estudados como homólogos dos elementos da equação de Gibbs, sobre a variação da energia livre $\Delta G = \Delta H - T\Delta S$.

S U M M A R Y

The author studied S. Freud and K. Lewin's theoretical propositions on motivation using as reference the "Theory of Systems in Equilibrium" with the intention of verifying the formal correspondence between these models.

The work is composed of four main sections:

1. - Basic remarks essential to the explanation of the mentioned authors' metascientific assumptions and investigative method;
2. - Analysis of the psychoanalytical theory motivation concepts;
3. - Analysis of the field theory motivation concepts;
4. - Structural correspondence between the authors' theoretical models.

With regard to Freud's theory, the psychical apparatus function is presented in accordance with Freud's "Project" (1895) and based on Barros' critical review (1971).

As to the field theory, concepts of intention, need, valence, and locomotion are discussed along with general considerations on the topology of life space.

The attempt is made to prove that motive, defined as a force capable of starting, driving, maintaining, coordinating and integrating human behavior, is wish in Freud's theory and intention in Lewin's statement.

In a critical review of K. Lewin, the author proposes valence to be a field force, as in Physics, from which the name is derived.

The Phases of the Evolution of Systems in Equilibrium are discussed in order to assess the correspondence between the dynamic concepts of Freud and Lewin.

1. - Initial state - steady state
2. - Reverse transformation
3. - Moving away from the steady state - with the appearance of a force (motive) to reduce the tension
4. - Spontaneous transformation
5. - End-state - return to the initial steady state.

The use of this nomenclature has proved successful in clarifying Freud's psychical apparatus and Lewin's life space.

In the determination of human behaviour, a confluence of causes is accepted, and two of these determinants - impulse to object-seeking and impulse to tension-lowering - are considered homologous to Gibbs' free energy components,

$$\Delta G = \Delta H - T\Delta S.$$

I N D I C E

INTRODUÇÃO	1
1. CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS	6
1.1 - Requisitos de uma teoria	6
1.2 - Causalidade e determinismo	9
1.3 - Teoria de Sistemas em Evolução	10
2. OS CONCEITOS MOTIVACIONAIS BÁSICOS DA TEORIA PSICANALÍTICA	17
2.1 - Conceituação, delimitação e ori- gem do sistema Psi-pallium	17
2.2 - Conceituação, delimitação e ori- gem do desejo	20
2.3 - A superdeterminação da conduta humana	21
2.4 - A experiência da dor	25
3. O MODELO MOTIVACIONAL DE KURT LEWIN	30
3.1 - A noção de campo - o espaço vi- tal	32
3.2 - O conceito de quase-necessidade e necessidades genuínas - a in- tensão	36
3.3 - Tensão, força, locomoção	41
3.4 - Valência	44
4. CONCLUSÕES	51
5. BIBLIOGRAFIA	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é o resultado de longos anos de estudo em torno do tema motivação, uma longa trajetória através das proposições feitas pelos mais diferentes autores, que se dedicaram ao estudo do problema. Sua origem remonta aos seminários de Psicologia Dinâmica oferecidos em 1968 e 1969 aos alunos de Pós-Graduação do Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e conduzidos pelo Professor Carlos Paes de Barros. Os tópicos discutidos nesses seminários fazem parte, agora, do programa regular de investigação teórica daquele Departamento, dedicado ao exame rigoroso e à revisão crítica da organização formal e dos fundamentos das teorias psicológicas atuais.

O conceito "motivação", embora tenha merecido a atenção de vários autores, em virtude do clima de imprecisão e obscuridade que ainda domina a Psicologia contemporânea, permanece nebuloso, emergido apenas de hipóteses tiradas do senso comum, com muito pouca preocupação quanto à precisão científica. Esse descompromisso conceitual verifica-se, por exemplo, no uso indiscriminado de termos tais como necessidade, pulsão, instinto e impulso, havidos muitas vezes como sinônimos e todos relacionados, de forma difusa, ao conceito de "motivo".

A luta que os movimentos ideológicos das diversas escolas psicológicas mantêm e que tanto emperram o progresso da Psicologia como ciência, reflete-se também nos trabalhos sobre motivação, uma vez que a todo instante sentimos muito mais a preocupação dos autores em destruir opositores ou se auto-afirmarem, do que em procurar, numa verdadeira atitude científica, encontrar fundamentos para a homogeneização de todos os campos da Psicologia.

As discussões dos problemas motivacionais estão, em sua maioria, impregnados do que Kurt Lewin (1931) considerou espírito pré-galileico, quando de sua crítica à posição aristotélica ainda dominante na Psicologia. (37)

"... el concepto de impulsos o de motivaciones, p. ej., la necesidad de alimentos o el instinto maternal, no son más que la selección abstracta de aspectos comunes a un grupo de actos que aparecen con una relativa frecuencia. Esta abstracción se basa en la realidad esencial de la conducta y se utiliza entonces para explicar la aparición frecuente de la conducta instintiva" (37 p. 25)

"... Lo que es común a estos actos frecuentes (como p. ej., la consecución de alimentos, la caza, la ayuda mutua) se considera como la esencia o la naturaleza esencial de los procesos". (37 p. 46)

Pelo contrário, tomando-se a posição galileica, a homogeneização, "... con respecto a la validez de la ley, impide la división de los objetos físicos en clases definidas de una manera rígida y abstracta, que poseía un significado muy importante para la física aristotélica, ya que la pertenencia de un objeto a ellas era la que determinaba su naturaleza física". (37 p. 20)

A abundância das ambiguidades, inconsistências e distorções encontradas foram, portanto, o ponto de partida para o nosso trabalho que passou a ter, como principal objetivo, a busca de clarificação e maior exatidão na definição de alguns constructos de motivação.

Na seleção de tópicos científicos e metacientíficos que nortearam nossa pesquisa, os seguintes trabalhos foram por nós considerados fundamentais:

- a) - o problema do operacionismo, criticado e reformulado por Cornelius Benjamin (1955); (3)
- b) - a metodologia da investigação científica, discutida por Mario Bunge (1969); (9)

- c) - o trabalho de Mario Bunge (1961), sobre o princípio da determinação e a proposta de um semicausalismo que garante a inter-relação dos vários tipos de determinação, a saber: causal, teleológico, dialético, estrutural, autodeterminismo e de terminismo estatístico; (8)
- d) - a teoria da evolução de sistemas, de acordo com a exposição de Lotka (1956); (39)
- e) - a Metapsicologia de Freud, tal como foi desenvolvida em seu trabalho "Projeto de uma Psicologia Científica" (1895); (24)
- f) - o artigo de Barros (1971) sobre a estrutura formal da Metapsicologia de Freud, e seus fundamentos termodinâmico e evolucionista; (2)
- g) - os artigos de Kurt Lewin: (1936, 1951) concernentes às forças e energias psicológicas, intenção, vontade e necessidade, exaustivamente comentados por David Rapaport; (32, 34, 45).

Dentro desse contexto, fica evidenciada nossa opção pelo seguinte plano de investigação teórica:

1. - exame criterioso das proposições teóricas de Freud e de Kurt Lewin, sobre a determinação da conduta humana, bem como a caracterização dos pressupostos metateóricos desses autores escolhidos;
2. - a busca de correspondência homológica entre as teorias examinadas porquanto, embora aparentemente distintas, elas se equivalem em sua estrutura formal.

Em primeiro lugar, a escolha de Freud prende-se ao fato de que, a par da incontestável notoriedade, como um dos maiores marcos da Psicologia atual, a organização formal da teoria psicanalítica obedece, ainda que, aparentemente

te, possa parecer em contrário, a esquemas claros e estruturados, principalmente se nos ativermos ao seu trabalho pós-tumo, o "Projeto", escrito na fase denominada por Stranchey de pré-analítica, e às reavaliações propostas por Barros em 1971. (24, 2)

Lewin é outro autor cuja originalidade da obra fez a Psicologia avançar muitos passos. Além disso, a sua preocupação em buscar leis dinâmicas que explicassem o comportamento do indivíduo, o seu rigor metodológico na formulação de conceitos e proposições buscando a máxima consistência e coerência, a utilização que faz de alguns conceitos freudianos e a sua filiação à Escola de Berlim, tornaram-no elemento essencial à clarificação e precisão dos conceitos motivacionais inicialmente propostos pela teoria psicanalítica.

Em que pese a análise que, dentro dos capítulos correspondentes, será feita de cada autor, quanto ao escopo teórico e os pressupostos metateóricos, achamos importante assinalar no Primeiro Capítulo, breves considerações sobre a metodologia da investigação científica em que se procura apoiar o presente trabalho e representam um esforço de delimitação e precisão do vocabulário que será empregado nos capítulos subsequentes.

Para tal, a posição tomada por Mario Bunge em suas obras "La Investigación Científica" e "Causalidad" nos pareceu valiosa. Seu estilo de escrever claro e simples tornou mais inteligíveis conceitos metateóricos que serão essenciais às discussões posteriores a que nos dedicaremos. Por isso, e também pela autoridade que inegavelmente tem dentro do campo da filosofia da ciência, adotamos sua posição, sempre que se fez necessária e ela está presente em todo o corpo deste trabalho, ainda que de forma implícita.

O operacionismo generalizado de Benjamin (1955) (3), refutando o operacionismo simplista de Bridgman, nos foi bastante útil para clarificar a posição lewiniana, quan

do demonstra que a definição operacional depende das regras empíricas, das regras lógicas e das regras de correspondência ou epistêmicas (relações entre o empírico e o lógico).

A teoria de Sistemas em Evolução desenvolvida por Lotka (1956) (39) tornou possível a montagem de um modelo conceitual que permitisse determinar a correspondência formal entre as contribuições dos dois autores estudados.

Esta monografia, além da Introdução, constará de quatro partes:

- 1) - Considerações fundamentais.
- 2) - Os conceitos motivacionais básicos da teoria psicanalítica: a contribuição de Freud à teoria da motivação.
- 3) - Os conceitos motivacionais básicos da teoria de campo: a contribuição de Kurt Lewin à teoria da motivação e suas relações com a Psicanálise.
- 4) - Os conceitos motivacionais básicos reelaborados por nós, tendo em vista a possível integração das duas contribuições.

1. CONSIDERAÇÕES FUNDAMENTAIS

1.1 - Requisitos de uma teoria

De acordo com Maria Bunge (1969) são funções de uma teoria científica:

- "i) - sistematizar el conocimiento estabelecendo relaciones lógicas entre entidades antes inconexas; en particular, explicar las generalizaciones empíricas derivándolas de hipótesis de nivel superior;
- ii) - explicar los hechos por medio de hipótesis que impliquen las proposiciones que expresan dichos hechos;
- iii) - incrementar el conocimiento derivando nuevas proposiciones (por ejemplo, previsiones) de las premisas, en conjunción con información relevante;
- iv) - reforzar la contrastabilidad de las hipótesis sometiénolas al control de las demás hipótesis del sistema". (9 p. 416)

Estes requisitos básicos não são preenchidos totalmente por inúmeras teorias, somente atendendo aos primeiro e último itens, acima propostos e que são complementados por requisitos adicionais, tais como, orientar a investigação e oferecer uma representação ou modelo geralmente simbólico de objetos reais. Bastante acuradas são as assertivas do autor quando diz que: "mientras que el experimentador se ocupa de la investigación de sistemas reales - por ejemplo, fluidos reales - en todos sus detalles relevantes, y de averiguar en qué medida las teorías disponibles dan razón de tales objetos concretos, el teorizador no maneja en absoluto sistemas reales, sino que crea idealizaciones de los mis

mos que no conservan sino algún parecido con ellos. En realidad toda teoría científica se limita a referirse a unos pocos aspectos del sistema real que esquematiza - por ejemplo, a sus aspectos mecánicos -. Además, no introduce para dar cuenta de tales aspectos sino unas pocas variables, despreciando o desconociendo las demás. Por último, tampoco se introducen sino unas pocas relaciones entre esas variables relevantes, para dar razón del esquema objetivo de la estructura y el comportamiento del correlato real... Por esta razón, aunque frecuentemente se llama modelos a las teorías, es más correcto decir que las teorías suponen modelos y que estos modelos, y no las teorías mismas, es lo que se supone que representan los correlatos de las teorías. Una teoría tomada en su totalidad, refiere a un sistema - o, más bien, a una clase de sistemas- y el modelo supuesto por la teoría representa ese sistema". (9 p. 419)

Falar de construção teórica científica implica sempre em relacioná-la com a montagem de um sistema mais ou menos consistente de enunciados "que unifica, amplía y profundiza ideas, las cuales en el estadio preteórico, habian sido mas ou menos intuitivas, imprecisas, esquematicas y inconexas". (9 p. 486).

A formulação de um conhecimento abrange amplo espectro. As chamadas teorias verbais se diferenciam das teorias predominantemente hipotéticas, não empíricas e concebidas como "modelos matemáticos, não porque as primeiras deixem de usar conceitos matemáticos mas sim porque usando-os, embora, não os mantêm em relações matemáticas. Isto nos permite dizer, com Kurt Lewin (1969) (37), que a mera quantificação em uma teoria não a faz consistentemente matemática, isto é, não lhe garante necessária nem suficientemente uma posição galileica.

Propõe Benjamin (1955) (3) que sejam as operações cognitivas processos obedecendo a passos definidos, a saber:

- i) - discriminação - observação dos dados imediatos em que os "nomes apropriados são criados e lhes é dado o significado" (3 p. 126);
- ii) - associação - que pode ocorrer por coexistência e por sucessão. A coexistência tem para nós particular importância no estudo da Teoria de Campo porque envolve grupos complexos de fatos particulares que ocupam o mesmo espaço e tempo e se baseia também na interdependência de certos elementos do complexo;
- iii) - generalização - pode ser considerado um tipo especial de associação em que o critério adotado foi a semelhança e refere-se à formação de conceitos gerais (classificados, abstraídos e universais) e a leis advindas da indução primária;
- iv) - ordenação - os símbolos são dispostos em série e constituem um complexo que mantém seus membros unidos por uma relação assimétrica, transitiva, conectada;
- v) - medida - a medida depende da possibilidade de ordenação havida. A seriação dos fatos particulares é passível de metrificação se existir a possibilidade de correspondê-la à série de números reais, atribuindo, a cada fato particular, um numeral que lhe confira um grau de valor;
- vi) - analogização - envolve criação de símbolos que guardam semelhança com os fatos particulares, envolvendo explícita ou implicitamente generalizações;

Os diversos degraus do operacionismo levam-nos a perceber que apesar dos objetivos essenciais do conhecimento serem a máxima clareza, a máxima certeza e a máxima extensão, à proporção em que se ascende no grau de abstração,

diminui-se a possibilidade de clareza e certeza, embora se amplie a extensão. Aceitar uma ou todas as operações acima descritas depende, de um modo geral, do naco objetivo de conhecimento e, em particular, das solicitações específicas do problema.

1.2--Causalidade e Determinismo

Os componentes essenciais de todos os tipos de de terminação científica são a legalidade e a produtividade, expressos pelo princípio da ordem e pelo princípio genético. Causalidade é, portanto, uma das formas de produtividade e está vinculada a outros tipos de determinação tais como: a determinação estatística, a determinação teleológica, a autodeterminação e a determinação estrutural.

O princípio da legalidade universal afirma que os acontecimentos são determinados segundo leis; não propriamente por leis. As leis nada determinam, são apenas formas ou esquemas de determinação. Importante lembrarmos que a exceção individual é compatível com a legalidade universal, em relação a acontecimentos que ocorram em percentual pequeno de casos, pois, são válidos nas situações em que se admitem muitas variáveis, sendo a exceção apenas uma dessas alternativas. (8, 34 p. 84)

A legalidade, vista como característica da realidade em estudo, torna desnecessária a busca da frequência de aparecimento do fenômeno como condição essencial ao próprio fenômeno e não considera a exceção como uma negação da lei.

A determinação é mais que uma mera regularidade ou frequência; .., "en un cierto sentido, la ley se refiere sólo a los casos que no han sido realizados nunca o que solo han sido realizados de una manera aproximada, en sol as

tual curso de los acontecimientos". (37) Todos sabemos que só em condições artificialmente construídas de um experimento podemos ter a expressão mais elaborada de uma lei.

O critério investigativo da ciência moderna pode realizar-se portanto:

- simplificando o fenômeno, através do controle das variáveis, o que se daria numa situação experimental, ou seja, a purificação do empírico. Definir leis simples, não por que sejam simples descrições do empírico, mas porque são racionais;
- complicando os modelos teóricos pela "superposição" e não pela soma de leis simples; a teoria do campo vem reforçar esta tática investigativa, porque trabalha com análises estruturais não elementaristas.

O princípio da conexão genética afirma que acontecimentos são resultado de um processo e podem, por sua vez, originar outros acontecimentos.

Desde Parmênides, admite-se que "nada sai do nada nem se converte em nada". (8 p. 36) Sem considerarmos este princípio como uma posição metafísica, acreditamos que sua adoção como atitude metodológica é indispensável à investigação científica.

1.3 - Teoria de Sistemas em Evolução

Por evolução, entende-se toda e qualquer modificação que há no sistema, conseqüente a uma série de transformações progressivas. A teoria da evolução admite três capítulos:

i) - Cinética - estuda as transformações, expressa por:

a) - equação fundamental

$$V = \frac{dx_i}{dt} = F_i(x_1, x_2, \dots, x_n; P, Q), \text{ onde}$$

X_i = massas de componentes

$\frac{dX_i}{dt}$ = razão da mudança com o tempo

F_i = { relação funcional entre velocidade, as
massas dos componentes e os parâmetros
P e Q

P - parâmetros de estado, definindo o sistema e o meio (ex: os fatores intensivos e extensivos da energia)

Q - parâmetros que definem as características dos componentes

b) - equação de "constraint"

$$\sum X = A = \text{constante}$$

expressando a constância do total de massa dos componentes (definindo um sistema fechado);

c) - fatores limitativos - que agem como freio à evolução do sistema;

d) - auto catacinese - quando a substância, ou a própria estrutura, atua como um "núcleo" para a formação futura dessa mesma substância ou estrutura;

e) - estrutura do sistema - a configuração geométrica e as interações mecânicas desempenham o importante papel nos sistemas complexos e estruturados. (1)

A partir do sucesso das teorias termodinâmicas e eletro-magnéticas, as ciências naturais admitem

haver também transformações não mecânicas, tendo ocorrido o abandono do exclusivismo do movimento local, que, surpreendentemente, ainda perdura em algumas teorias psicológicas.

Na cinética, definimos os conceitos de sistema, super-sistema (ou sistema envolvente) e subsistema. Um sistema é a combinação de partes coordenadas, relacionadas entre si de modo coerente, de maneira a formar um todo interconectado. (cf. 34 p. 85)

"Uma estrutura é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema (por oposição à propriedade dos elementos) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo de suas transformações sem que essas conduzam para fora de suas fronteiras ou façam apelo a elementos exteriores. Em resumo, uma estrutura compreende os caracteres de totalidade, de transformações e de auto-regulação". (43 p.8) É importante termos em conta que os sistemas podem ser abertos ou fechados, segundo a condição de permitir ou não troca de matéria; não isolados ou isolados, segundo permitam ou não a troca de energia com o exterior.

- ii) - Estática - estude as condições de equilíbrio, a natureza e a amplitude das perturbações; refere-se a casos particulares da cinética.

Por equilíbrio entende-se, portanto, a manutenção do fator intensivo da energia do sistema, sempre em relação a certos parâmetros e à amplitude da perturbação (variância). Assim, a noção de equilíbrio é definida em função da velocidade de transformações (V), do somatório de forças ($\sum F$) e do potencial (U). As perturbações que possam ocorrer modificando as condições de equilíbrio são extrínsecas ao sistema (forças externas) ou correspondem à descompensação de energias internas que estavam compensadas.

Sob a denominação genérica de equilíbrio distinguimos: (1, 38, 39)

a) - Quando P e Q são constantes:

- Equilíbrio verdadeiro:

$$V = 0$$

$$\sum F = 0$$

$$U = \begin{cases} \text{mínimo} & - \text{Equilíbrio estável} \\ \text{constante} & - \text{Equilíbrio indiferente} \end{cases}$$

O equilíbrio verdadeiro é aquele em que a velocidade é nula, as forças se anulam e o potencial é mínimo ou constante.

- Quase-equilíbrio, falso equilíbrio, estado estacionário ou "steady state":

$$V \neq 0$$

$$F \neq 0$$

$$U = \begin{cases} \text{mínimo} & - \text{Equilíbrio estável} \\ \text{constante} & - \text{Equilíbrio indiferente} \end{cases}$$

O equilíbrio metabólico e o equilíbrio de população, bem como certos estados motivacionais, são exemplos de quase-equilíbrio porque "are steady states maintained with a constant expenditure, a constant dissipation of energy". (39 p. 144)

- Equilíbrio aparente:

$$V = 0$$

$$\sum F = 0$$

$$U \neq \begin{cases} \text{mínimo} \\ \text{constante} \end{cases}$$

Neste caso, V e $\sum F$ são iguais a zero porque as diferenças de intensidade dos vários tipos de energia são "compensadas", umas pelas outras ou mantidas por "constraints".

A compensação pode ser rompida por:

- condições desencadeantes extrínsecas - Equilíbrio instável

- condições desencadeantes intrínsecas - Equilíbrio metaestável

b) - Quando P e Q mudam:

- Equilíbrio móvel: se a mudança se processa lentamente, controlada por fatores limitativos que funcionam como freio na evolução do sistema. As diferenças de intensidade são muito pequenas ou largamente compensadas.

- Deslocamento de equilíbrio: abandonando-se o fato de as mudanças de P e Q serem rápidas ou lentas, podemos ater-nos simplesmente aos estados inicial e final do sistema, ambos configurações de equilíbrio, sem nos preocuparmos com a trajetória. "... In Physical Chemistry, in Physical Biology and in Metapsychology the problems connected with Displacement of Equilibrium are the most interesting, and usually formulated in terms of the Principle of Le Chatelier-Braun, or principle of moderation, sometimes expressed in the form:

$$\frac{dv}{dt} \begin{matrix} > \\ < \end{matrix} 0 \text{ where } p_i \begin{matrix} \geq \\ \leq \end{matrix} p_e$$

stating that the capacity factor of an energy (v) increases or decreases as the internal intensity factor (p_i) is greater or less than the external one (p_e). The above relation is a restricted formulation of the Helm - Ostwald Intensity Law, involving the conjugate parameters of an energy (capacity and intensity factors)" (1 p.7)

A pressão sistêmica será então o resultado de



Assim, as grandezas apresentam-se inter-relacionadas de tal modo que uma perturbação em um dos elementos automaticamente leva os demais a se modificarem no sentido de permanecerem no conjunto compatíveis com a própria manutenção do sentido como tal. (cf 34 p. 84)

O estudo do deslocamento de equilíbrio é essencial na consideração das teorias de motivação porque, frequentemente, os autores trabalham com parâmetros homólogos de forças (motivo, impulso, desejo, etc.) que causam conduta (homólogo de deslocamento).

- c) - Ruptura de equilíbrio: a possibilidade de recuperar o equilíbrio do qual estava afastado ou de procurar uma nova configuração equilibrada está na dependência da capacidade do sistema em tolerar a perturbação, o que acontece dentro de certa amplitude (variância). Entretanto, além destes limites, o sistema não é mais capaz de corrigir as perturbações, o equilíbrio não é mantido e o sistema, como um todo, não se conserva mais coerente. Os subsistemas que, por ventura, se formam a partir da ruptura do sistema inicial, podem ser configurações equilibradas (se cada subsistema for analisado em si), porém o sistema global original não mais existe.
- iii) - Dinâmica - estudo das causas das transformações em termos de força e energia. A equação fundamen

tal da cinética

$$\frac{dX_i}{dt} = F_i (X_1, X_2 \dots X_n; P, Q)$$

pode, à primeira vista, não apresentar, indícios de implicações dinâmicas e energéticas. Porém te mos sempre de considerar que certos, componentes representados na equação por (X) "... are in their physical relations, energy transformers. The evolution which we have been considering, and shall continue in this last phase to consider, is, then, essentially the evolution of a system of energy transformers; the progressive redistribution of the matter of the system among these transformers!" (39 p. 325)

Na Dinâmica é, assim, importante ressaltarmos:

- a causalidade de conservação - quando uma certa quantidade de uma qualidade de energia se transforma em outra qualidade, porém conservando aquela quantidade;
- causalidade de "trigger" - quando a ação de um agente desencadeante (trigger) rompe o equilíbrio aparente de um sistema, desfazendo a com pensação de intensidades.

Todas as considerações resumidas neste capítulo sobre construção teórica, determinação e legalidade científica e condições de equilíbrio de um sistema em evolução foram desenvolvidas por nós com o único objetivo de fundamentar os capítulos subsequentes e reforçam nosso empenho de encontrar um modelo explicativo que se suponha correlato das teorias estudadas.

2. CONCEITOS MOTIVACIONAIS BÁSICOS DA TEORIA PSICANALÍTICA

A base do modelo motivacional de Freud é, sem dúvida, o desejo que se manifesta no sistema Psi-pallium.

Influenciado pelo mecanicismo energético de Helmholtz, (através das lições de Brücke) e pelas hipóteses evolucionistas de Darwin e Spencer, e inspirado nos modelos biofísicos de Jackson, Freud adotou uma posição metafísica monista materialista, energético-evolucionista, conservando, porém, um dualismo metodológico. (2, 29)

O aparelho psíquico é uma entidade metapsicológica, isto é, uma construção neurofisiológica, hipoteticamente real, funcionalmente representado, porém não localizado anatomicamente, a despeito do que afirmam alguns autores, tais como Rubinstein (1965) (46). É uma concepção topográfica e constitui a sede dos processos energéticos que formam o substrato dos processos psíquicos, que lhe são concomitantes-dependentes. (2, 14, 17, 20, 24)

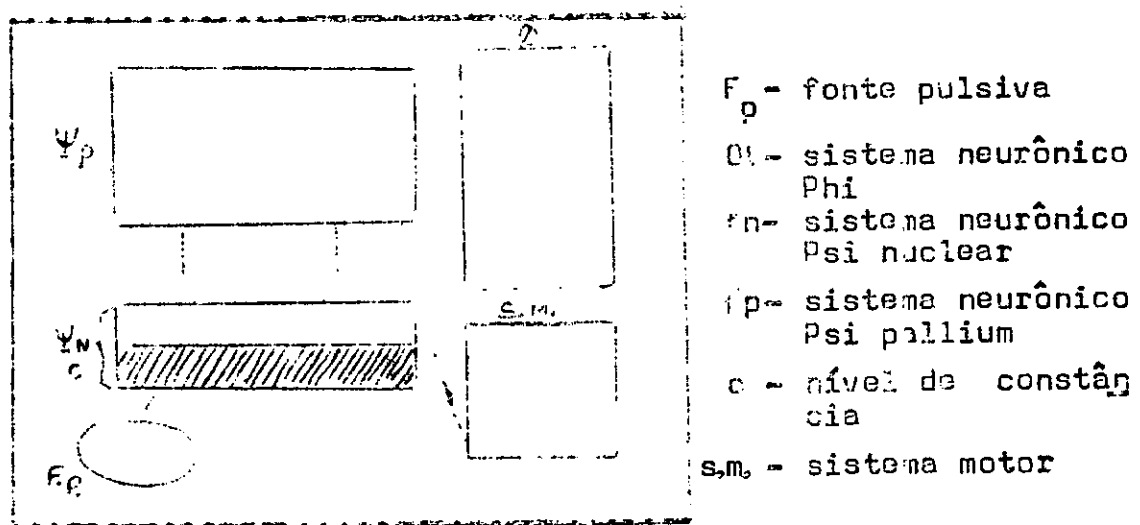
O conceito de desejo (cf. p. 19), apontado por nós como básico na Teoria freudiana de Motivação, é uma construção psicológica, que Freud não reduziu ao "mecânico"; é uma variável interveniente, tomada por Freud apenas como hipótese de trabalho, que necessariamente, espera e deve ser explicada em termos bio-energéticos. (2 p. 94)

2.1 Conceituação, delimitação e origem do sistema Psi-pallium (2, 24)

O sistema Psi-pallium acha-se conectado com a intimidade do organismo, dele recebendo a energia necessária para movimentá-lo, através do sistema neurônico Psi-nuclear

(Ψ_n), filogeneticamente menos evoluído; e com as fontes exógenas, através do sistema neurônico Phi (Φ), filogeneticamente o mais primitivo de todos os sistemas neurônicos. O sistema Psi-nuclear (Ψ_n) é regido pelo princípio da constância e o sistema Phi (Φ), pelo princípio da enérgia. Uma tentativa de esquematização talvez auxilie a compreensão destas distinções fundamentais entre os sistemas neurônicos.

ESQUEMA I



Esquema proposto por C.P. Barros em comunicação pessoal.

O sistema Psi do ponto de vista topográfico é um sistema fechado, porém não isolado; admite a entrada e a saída de energia, é capaz de armazená-la e, ao total de energia armazenada, dá-se o nome de catexe (aspecto dinâmico). O conceito de energia psíquica designa o total de catexes do Psi-pallium.

Tanto catexe como energia psíquica não são constructos homólogos - são energias idênticas à energia física. (2 p. 97)

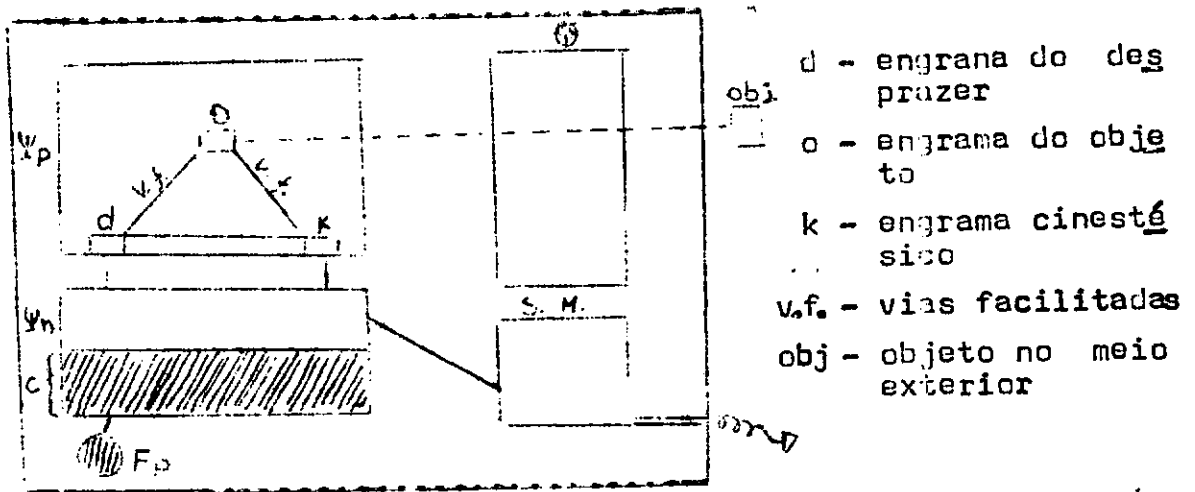
O sistema Psi-pallium, além de um modelo termodinâmico, contém ainda, em sua organização, um modelo cinerné

tico. O sistema Psi-pallium é capaz de memória e de aprendizagem, de desejo e de repulsa.

Assim, após a primeira experiência de satisfação, Psi-pallium retém os seguintes resíduos mnêmicos: a) memória do desprazer havido pela elevação do nível de catexe acima da constante, em Psi-nuclear; b) memória do objeto de satisfação, exterior, que foi percebido por Phi; c) memória do reflexo adequado, mantendo, entre esses engramas, vias facilitadas, capazes de relacioná-los entre si nas experiências subsequentes, todas as vezes que a fonte pulsiva recatetizar Psi-nuclear.

Usando o Esquema I como base, poderíamos representar a disposição dessas memórias e as vias associativas mantidas entre elas após a primeira experiência de satisfação, do seguinte modo:

ESQUEMA II



Esquema proposto por C.P. Barros em comunicação pessoal.

2.2 Conceituação, delimitação e origem do desejo (2, 14, 15, 16, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 30)

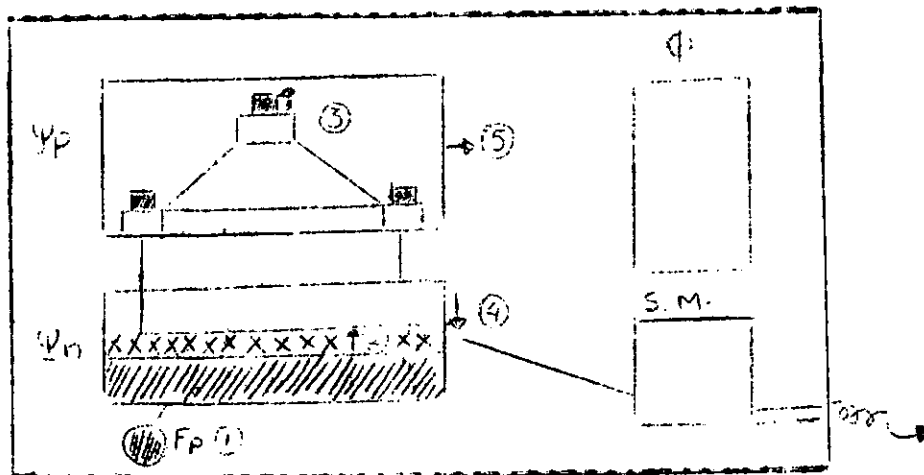
Na oportunidade em que a fonte pulsiva, através de Psi-nuclear, faz energizar novamente os resíduos mnêmicos existentes no sistema Psi-pallium (Ψ_p), haverá a evocação do objeto de satisfação e a conseqüente emergência de um impulso (Regung) que tende a reduzir a discrepância entre memória e percepção do objeto. Este impulso tem o nome de desejo (Wunschregung) que busca reperceber o objeto de satisfação, uma força, portanto, que causa a obtenção da identidade perceptual.

A realização do desejo está relacionada, não só com o impulso para fazer descarga (Drang) localizado em Psi nuclear, conseqüente à tensão provocada por aumento do nível de catexe, como também está na dependência das pulsões somáticas advindas da fonte pulsiva (Triebkraft).

Estes constructos, ainda que correlacionados, são, às vezes, tomados como conceitos sinônimos, o que não é correto. Embora Freud possa não ter atingido a desejável clareza expositiva, distinguiu-os perfeitamente através de conceituações adequadas. (25, 15)

Retomando o esquema já proposto, podemos usá-lo para analisar o funcionamento dos sistemas psi (Ψ):

ESQUEMA III



Esquema proposto por C.P. Barros em comunicação pessoal

- 1 - tensão somática
- 2 - tensão nuclear
- 3 - tensão de pallium
- 4 } forças generalizadas
- 5 }
 - impulso para descarga
 - desejo para fazer identidade de perceptual

Todas as vezes que se instala um potencial termo dinâmico, porque se elevou o nível de catexis (tensão nuclear - esq. III item 2) ou porque se instalou uma discrepância entre a memória do objeto e a sua percepção (tensão de pallium - esq. III item 3), este potencial faz surgir um impulso, isto é, uma força que tende a reduzir este potencial, buscando o re-equilíbrio do sistema (esquema III itens 4 e 5).

2.3 A superdeterminação da conduta humana (2, 44)

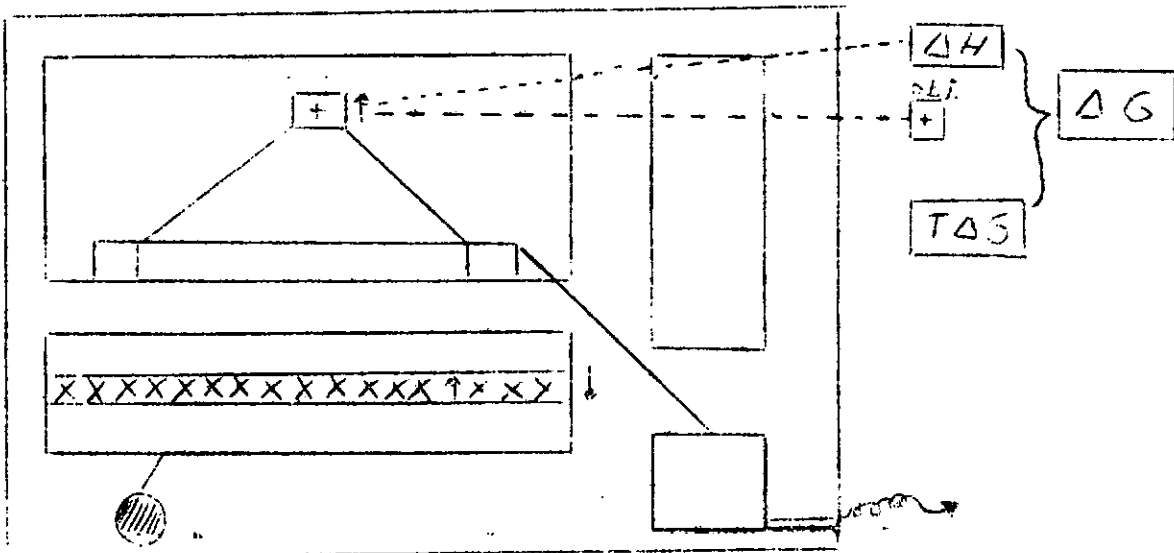
Os impulsos havidos no sistema impelem-no a retornar ao estado estacionário inicial (quase-equilíbrio). Porém, talvez, esses processos correspondam melhor ao deslocamento

mente de equilíbrio, em que o estado final apresenta uma nova configuração, com um novo nível de constância compatível com esta configuração. A redução do potencial, no caso de tendência ao nível constante de catexis (Drang), corresponde ao aumento de entropia; a redução do potencial pela conexão entre memória e percepção objetivas, corresponde à diminuição entalpia (portanto direcional e teleológica).

Estamos, portanto, aptos a aceitar a superdeterminação da conduta humana, isto é, uma confluência de causas, adotando uma expressão homóloga da equação de Gibbs. Na equação de Gibbs $\Delta G = \Delta H - T\Delta S$, (G) corresponde à entalpia do sistema; (S) à entropia do sistema e (T) significa temperatura.

Teríamos então, usando mais uma vez o esquema proposto:

ESQUEMA IV



Parece-nos claro que tanto em (ΔH) como em $(T\Delta S)$ existe tensão, tomando-se tensão como afastamento de equilíbrio (comparar com esquema III). Devemos, contudo, distinguir os dois tipos de tensão presentes:

- a) - a tensão resultante da diferença de intensidade energética intra-sistêmica, ocorrida pela modificação do parâmetro inicial.

Esta tensão gera uma força generalizada que acionará dispositivos no sentido de fazer a energia livre do sistema retornar ao seu ponto mínimo. Tomemos assim:



- b) - tensão criada pela diferença de intensidade energética entre sistemas (inter-sistêmica), com alteração da relação que esses sistemas estavam mantendo. Em verdade, o desnível entre (G_2) e (G_1) - energias livres de cada sistema - não é o determinante essencial do desequilíbrio, pois, as estruturas ou barreiras que impedem o escoamento da energia, podem garantir o equilíbrio, apesar das grandezas serem diferentes. Porém, se houver alteração da função que rege essas duas grandezas, essa discrepância determinará tensão, surgindo uma força de gradiente expressa pela equação $F = \nabla U$, onde (U) é a diferença de potencial entre dois pontos.

Esse potencial U determinará um escoamento no sentido de anular a discrepância.

$$G_2 \neq G_1 \quad \text{onde} \quad G_2 > G_1$$

A volta ao estado de equilíbrio será efetuada na medida em que a relação inicial entre (G_2) e (G_1) for restabelecida, embora as configurações de cada sistema possam, ao final da operação, apresentar-se alteradas.

A aceitação desses dois tipos de tensão é essencial na compreensão dos processos motivacionais. Em quase toda sua obra, Freud parece entender por equilíbrio apenas a situação em que o nível de catexé corresponde a um mínimo e, portanto, a tensão seria sempre resultante do aumento de catexé (22 p. 8), prescindindo, infelizmente, da contribuição de Breuer. Este sempre teve em mente o conceito de equilíbrio definido em função das resistências e das características estruturais dos subsistemas. (6)

Entretanto, na parte III do "Projeto", Freud admite a ampliação e restrição do ego, de acordo com as facilidades e as resistências, o que poderíamos considerar uma formulação, ainda que incompleta, correspondente aos desígnios propostos por Breuer. (24 p. 370)

O desejo, buscando a identidade perceptual, e, funcionalmente, relacionado com o princípio do prazer (redução à intensidade constante) mas não necessariamente vinculados entre si, é exaustivamente trabalhado por Freud (1895, 1900) em sua obra, inclusive no "Projeto" (24) e no capítulo VII da Interpretação dos Sonhos (14). O uso, porém, de termos ambíguos tais como "fator quantitativo" (18 p. 131), "quantidade de excitação" (22 p. 8), "quota de afeto" (12 p. 60), "nível de estímulo" (15) ou "soma de excitação" (12 p. 60) usados como "sinônimos" de intensidade $U (= \frac{Q}{C})$ (2); a grande ênfase dada às alterações psicológicas decorrentes do aumento e da diminuição do nível de catexé (11, 13, 25) bem como o lamentável uso indiscriminado dos termos quantidade e intensidade tomados como sinônimos (12 p. 60, 24 p. 396), culminaram com o erro de Freud, e de muitos autores posteriores, quando concluíram que o comportamento motivado identificava-se apenas com redução de tensão, que busca prazer.

2.4 A experiência da dor (12, 17, 19, 20, 22, 24, 31)

Até aqui, procuramos caracterizar e delimitar o conceito de desejo em nível de processo secundário, isto é, submetido ao ego inibidor, como garantia de não-alucinação do objeto de satisfação.

O sistema Psi-pallium, além de experiência de satisfação, está exposto também à experiência da dor que pode ser sintetizada nos seguintes termos:

Todas as vezes que um excesso de energia vinda do exterior chega a Psi-pallium, ocorrida ou pela ação de um objeto hostil ou porque houve ruptura (solução de continuidade) das barreiras protetoras das terminações externas, dar-se-á a dor, desencadeando a tendência primitiva do sistema, isto é, o reflexo de fuga. Desta primeira experiência Psi-pallium reterá, simetricamente ao que ocorreu na experiência de satisfação: a) imagem mnêmica do objeto hostil percebido por phi; b) imagem cinestésica do reflexo de fuga; c) vias associativas entre esses resíduos mnêmicos, no sentido de garantir uma ação defensiva do organismo, tão logo o objeto hostil seja detectado novamente por phi e ainda que este objeto, no momento, não esteja atuando.

Entretanto, a mera reconstituição do engrama do objeto por um motivo qualquer, surgida num estado de reevocação de memória ou re percepção do objeto, apresenta energia insuficiente para acionar conduta, sendo evidente que esta quantidade "is in the nature of any other perception". (24 p. 320)

Pela necessidade de manter a motivação da conduta humana sempre relacionada a fontes endógenas, Freud viu-se compelido a admitir que essa quantidade de energia que gera o desprazer e ocasionava conduta evitativa, só poderia advir do interior do organismo, convergindo para o aparelho psíquico. Postulou então um neurônio com atividade especí

fica, chamado por ele "neurônio secreto" ou "neurônio chave" diretamente relacionado com a intimidade do organismo. Através de vias facilitadas mantidas com o engrama do objeto hostil, serve de agente deflagrador do funcionamento de uma glândula hipoteticamente real, sempre que há a percepção do objeto. Esta glândula apresenta a função de liberar energia que vai reenergizar os engramas relacionados com a experiência da dor em *Psi-pallium*. Manifesta-se então uma tendência a apagar a memória do objeto, tendência essa que, se eficaz, faz cessar a estimulação do neurônio secreto, fazendo cessar também a fonte endógena. A esta tendência de descarga da energia da imagem mnêmica, Freud chamou de defesa primária ou repressão: uma aprendizagem adquirida filogeneticamente e que tem por objetivo reproduzir um estado que, em *Psi*, anteriormente indicou o término da dor. (2, 24, 31)

A repressão se dá em nível de processo secundário quando, sob a ação do Ego, evita-se a catetização da memória do objeto hostil.

Podemos dizer que "afeto" ou tendência repulsiva é correlato de desejo; fonte mobilizada pelo neurônio secreto, correlata de fonte pulsiva; repressão, simétrica de satisfação de desejo.

A idéia de fonte de energia ligada ao neurônio secreto é transitória em Freud, mesmo dentro do "Projeto". Mais tarde, tenderá a reduzir tudo a uma só fonte somática - a sexual, e na terceira etapa de sua obra, não conseguindo manter esta parcimônia teórica, desdobra-se em dois "instintos": de vida e de morte, o primeiro ligado à experiência de satisfação e o segundo relacionado à angústia.

A série de distorções teóricas que no curso da evolução do pensamento freudiano foi-se processando, movida por causas várias que não cabe, neste trabalho, serem retomadas, de vez que já foram analisadas por Barros (1971) (2 p. 90-101), confluíram na postulação desnecessária e errônea

do instinto de morte. Acreditamos que teria havido maior rigor teórico se Freud, em toda sua obra, tivesse conservado e burilado mais esses dois conceitos - experiência de satisfação e experiência de dor. Vejamos porque:

Quando o sistema Psi-pallium se apresenta subordinado a apenas um desses dois processos - de desejo ou de ameaça de desprazer - está operando em nível de Id, isto é, obedece a processo psíquico primário e suas catexes são livres; quando, porém opera sob a inter-relação desses dois princípios, de tal modo que o "afeto" (resíduo) da experiência da dor) é o indicador de realidade, o faz em nível de Ego, obediente ao processo psíquico secundário, e as catexes são ligadas.

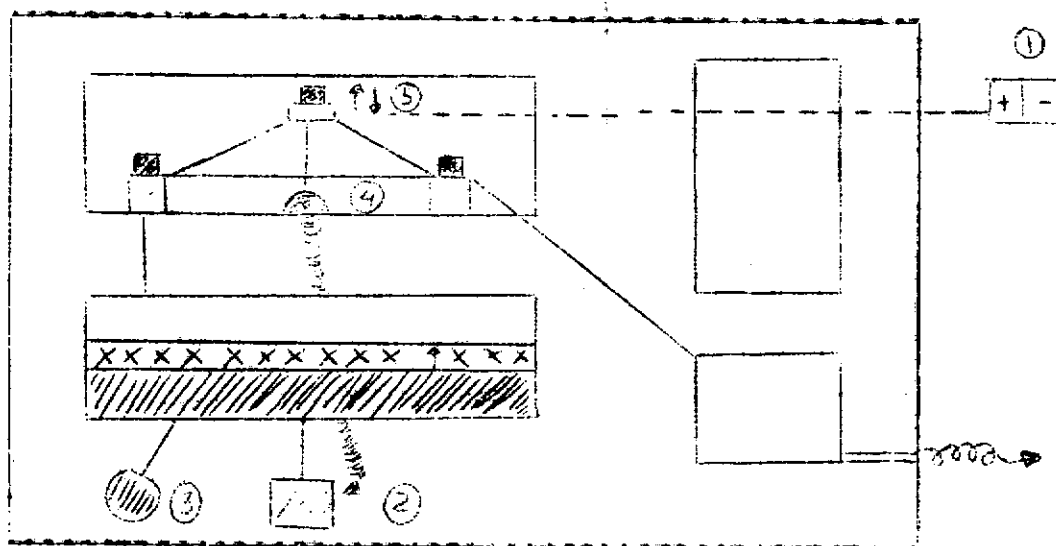
A subordinação de psi (Ψ) a mais de um princípio, interconectados, é portanto, condição indispensável à formação conceitual de Ego e de desejo que obedece a processo psíquico secundário (impropriamente traduzido nos textos em inglês e espanhol por "instinto"). Isto porque, o controle de desejo, impedindo o processo alucinatório, indica que "... an organization has been formed in whose presence it interferes with passages (of quantity) which on the first occasion occurred in a particular way [i.e. accompanied by satisfaction or pain.] This organization is called the "ego" (24 p. 323) "... a mass like this of neurones which hold fast to their cathexis - are, that is, in a bound state; and this, surely, can only happen as a result of the effect they have on one another". (24 p. 368) "... The ego is that part of the id which has been modified by the direct influence of external world through the medium of the Pcpt. - cs. ; ... and endeavours to substitute the reality principle for the pleasure principle which reigns unrestrictedly in the id". (23 p. 25)

A educação e o desenvolvimento deste Ego primitivo tem que se processar partindo da ameaça do desprazer que, fatalmente, virá a emergir todas as vezes que, no reapareci

mento dos desejos aprendidos, a descarga se fizer prematuramente. Concluímos assim, que essa ameaça do desprazer é o indicador da realidade. (15, 24)

Retomando os esquemas anteriores, podemos ilustrar a conjugação da experiência de satisfação com a experiência da dor, do seguinte modo:

ESQUEMA V



Esquema proposto por C.P. Barros em comunicação pessoal.

- 1 - objeto ambivalente
- 2 - fonte de energia, mobilizada pelo neurônio secretor
- 3 - fonte pulsiva
- 4 - neurônio secretor
- 5 - desejo subordinado à inibição do EGO (processo psíquico secundário - catexes ligada)

O funcionamento de Psi-pallium em processo primário ou em processo secundário é uma formulação teórica desenvolvida por Freud, a partir das idéias de Breuer (1895). Em verdade, no seu artigo "Excitação Intracerebral Tônica" (6 p. 192), Breuer admite claramente a hipótese de que, quan

do estamos acordados, os elementos do psiquismo estão interconectados, obedientes a processos ligados, isto é, à justa posição de várias leis. O sono se caracterizaria pela desconexão entre eles, tornando-se energias livres. As idéias emergentes não estão conectadas com outras que, entretanto, permanecem presentes em potencial na consciência, porém não eliciadas.

Podemos, assim, presumir que no sono profundo esta separação de conexões entre os elementos psíquicos é levada mais além e torna-se total.

"... The existence of these two different conditions of the paths of conduction can, it seems, only be made intelligible if we suppose that in waking life those paths are in a state of tonic excitation ... that this in tracebebral excitation is what determines their conductive capability, and that the diminution and disappearance of that excitation is what sets up the state of sleep." (6 p. 193) A originalidade desta formulação deve-se a Breuer e nunca foi negada por Freud que a reconheceu explicitamente em seus trabalhos Beyond the Pleasure Principle "22 p. 34) e The Unconscious (20 p. 188)

No decorrer deste capítulo toda nossa preocupação foi a de caracterizar o conceito de desejo, principalmente como foi elaborado por Freud no "Projeto" e, infelizmente, nem sempre analisado convenientemente pelos autores que se propuseram a estudar os aspectos motivacionais da Teoria Freudiana.

No último capítulo, retomaremos o assunto para um confronto com conceitos correlatos de Kurt Lewin e de outros autores, e para análise dentro de um modelo baseado na Teoria de Sistemas.

3. O MODELO MOTIVACIONAL DE KURT LEWIN

Tomamos, como hipótese preliminar, que o conceito básico de motivação na teoria de Kurt Lewin é a quase-necessidade, isto é, um estado de tensão interna que pressiona a realização de uma intenção, mesmo se não existe ocasião predeterminada estimulando a ação. (35 p. 114). Esta quase-necessidade surge no espaço vital, considerado por Kurt Lewin o constructo básico de sua teoria. Mais adiante, verificaremos que é urgente reformular esta hipótese e admitir que o conceito básico de motivação Lewiniano é a intenção.

Na parte inicial deste capítulo, porém, cremos ser essencial caracterizar a posição metateórica de Lewin, ocupando-nos depois da conceituação de campo e, por fim, da análise dos conceitos intenção e quase-necessidade, vistos por nós como fundamentais nos modelos de motivação.

Não obstante a aparência de um dualismo paralelístico, parece-nos mais válido considerar Kurt Lewin defensor do monismo neutro, isto é, aceitar a realidade de uma só substância, expressa de dois modos (biológico e psicológico) e que mantêm entre si relações isomórficas. A Psicologia Topológica de Lewin implica, portanto, na adoção de um reducionismo formal. A formulação "quase-energética" dos postulados da Teoria de Campo reflete a correspondência estrutural entre os constructos psicológicos e os conceitos físicos; os fatos biológicos e os psicológicos têm a mesma existência e a mesma realidade. (32).

"... As far as we can see at the present time psychology will have to use dynamic concepts that in some respects show a formal similarity to the concepts of physics, but which are not identical with them". (32 p.64)

A Teoria de Campo deve ser considerada uma metateoria, uma regra metodológica que visa "analisar relações causais e criar construções científicas ... mais uma

perspectiva para uma tarefa científica do que uma teoria sobre o mundo de dados"(36 p. XI).

Admitindo, com a escola gestaltista, que a estrutura é uma característica da própria realidade, Lewin considera que, se o mundo físico apresenta características estruturais, os fatos psicológicos e fisiológicos terão, inevitavelmente, estas características. Há, deste modo, a necessidade de se estabelecerem modelos estruturais (estruturas formais) da própria realidade.

Lewin tem bem presente a preocupação com a Medida em Psicologia, medida essa que viria esclarecer as relações frequentemente obscuras entre "definição conceitual de um constructo psicológico e sua definição operacional". Toda a sua obra tem por finalidade maior estabelecer, homologamente à Física, as dimensões conceituais das construções psicológicas, porquanto: "1) somente aquelas entidades que têm a mesma dimensão conceitual podem ser comparadas nas suas magnitudes; 2) tudo que tem a mesma dimensão conceitual pode ser quantitativamente comparado, sua magnitude de medida, em princípio, com o mesmo instrumento".(36 p.43)

O problema dos tipos conceituais está intimamente relacionado aos problemas da medida em Psicologia, e das equações matemáticas que expressam leis psicológicas e a tarefa de inter-relacionar sistematicamente todas as construções psicológicas.

Não tendo a pretensão de esgotar o assunto, nem, muito menos, determinar todas as equações diferenciais possíveis de utilização em psicologia, Lewin abre, entretanto, valiosas perspectivas metodológicas para a psicologia científica. A maior crítica que se pode, contudo, fazer à sua abordagem é a de que a matematização, ainda inadequada, foi prematuramente aplicada.

3.1 - A Noção de Campo - O espaço vital (7)

O conceito de campo, no sentido físico, é um conceito estrutural, visto que, se a estrutura compreende os caracteres de totalidade, transformações e auto regulação (43 p. 9) estas características estão também incluindo a noção de campo.

Os pressupostos básicos do campo Lewiniano são: a) a totalidade de fatos coexistentes que fazem derivar comportamentos; b) o caráter de um campo dinâmico desses fatos existentes pela interdependência das partes desse sistema, o que não pode ser desvinculado da noção de espaço.

Além disso, são particularmente importantes: "... o uso de um método de construção e não de classificação; um interesse pelos aspectos dinâmicos dos acontecimentos; uma perspectiva psicológica e não física; uma análise que começa com a situação como um todo; uma distinção entre problemas sistemáticos e históricos; uma representação matemática do campo". (36 p. 69)

Por espaço vital entende-se a totalidade de fatos que determinam o comportamento de um indivíduo num certo momento. (26, 32, 36) Este espaço, incluindo pessoa e meio, é entendido como um todo especificamente estruturado e os fatores que o compõem não podem ser arrolados como um somatório, mas se dispõem inter-relacionados. Lewin tem bem nítida a dificuldade de representação conceitual deste espaço psíquico, visto que as influências mesológicas e os momentos existenciais da pessoa são geralmente classificados segundo padrões estatísticos ou resultam de meros relatos com descrições subjetivas dos casos. Aceitando o desafio, propõe-se a determinar conceitos básicos que representem essa interrelação existente entre as condições que definem a situação.

O espaço de vida ou campo psicológica, necessariamente, apresenta três características fundamentais: existência, interdependência e contemporaneidade. (25,34,33,36)

- i) - existência - os fatos, sejam eles reais ou não, no espaço geográfico, só têm realidade fenomenológica quando produzem efeito. Concreto é todo e qualquer fato que representa parte do espaço vital, tendo um lugar definido na representação da situação psicológica. Somente o que é concreto é existente, seja ele "real em si", irreal, fantástico, consciente ou inconsciente.

Adotando, portanto, este critério dinâmico, temos no espaço vital fatos quase-físicos, quase-sociais e quase-conceituais.

- ii) - interdependência - partindo da noção de "todo dinâmico", em que a dependência das partes é fundamental, Lewin insiste no fato de que "a dependência ou independência dentro de um todo é questão de grau. Em outras palavras, a parte (a) não será afetada enquanto a alteração da parte (b) for dentro de certos limites; ultrapassando esse limite, o estado de (a) será afetado" (36 p. 339 - 340). Quanto a esta força de gradiente que se estabelece entre as regiões do espaço vital, voltaremos a ela ao nos dedicarmos aos conceitos de quase-necessidade e intenção, e sua relação com a conduta.

A interdependência, sendo condição essencial à definição de campo, propiciou a Kurt Lewin aplicar os conceitos fundamentais da Topologia no estudo dos problemas psicológicos.

A topologia baseia-se na relação entre parte e todo, ou, em outras palavras, no conceito de "estar inserido em", intimamente relacionado com a

idéia de vizinhança. "É um ramo não quantitativo da matemática que analisa as propriedades das figuras geométricas que se mantêm mesmo quando estas figuras são deformadas a ponto de se alterarem todas as suas propriedades métricas" (26 p.66)

Deste modo, a topologia é extremamente útil para configurar o campo psicológico, já que tem a capacidade de representar regiões, conexões e posição de um espaço, independentemente das noções de tamanho ou direção,

Entretanto, como a direcionalidade é essencial também para a formulação de seus modelos, Lewin sentiu a necessidade da criação de uma geometria que atendesse a esse fim - o espaço hodológico. É um campo com linhas ou caminhos privilegiados, cujas partes são finitamente estruturadas, permitindo, assim, adequada representação de certos fatos biológicos, psicológicos e sociais. A Hodologia, entretanto, não foi capaz de cumprir toda a pretensão de Lewin que, aliás, consciente das limitações de seus conhecimentos matemáticos, deixou transparecer o desejo de que, em qualquer tempo, algum matemático familiarizado com os problemas psicológicos pudesse retomar o assunto com mais rigor. (33 p. 3)

- iii) - contemporaneidade - somente o sistema contemporâneo pode ter efeito num determinado momento. Por princípio, os eventos passados ou futuros não podem influenciar o presente, porque sua posição é somente histórica. Como, porém, explicar a importância flagrante das experiências infantis ou das perspectivas futuras nos momentos atuais de uma pessoa? Lewin resolve este dilema através da "perspectiva de tempo" que inclui o passado e o futuro psicológicos vistos assim como partes simultâneas do campo. Desta forma, a existência

de objetivos futuros ou reminiscências de eventos passados, são fatos psicológicos reais, ainda que o conteúdo dos objetivos, isto é, o que irá acontecer ou o que já passou, permaneça, como um fato físico ou social, apenas no futuro e passado históricos e, logicamente, fora do espaço vital.

Do mesmo modo que a realidade psíquica dos sentimentos não está necessariamente dependente do conteúdo real, a existência temporal e a cronologia de um fato psíquico são, também, independentes da existência e da cronologia do fato dentro da realidade em si. Este princípio é de mais alta importância no estudo da motivação, como veremos mais adiante.

Os processos psíquicos são, portanto, considerados por Lewin como processos gestálticos que podem tender a um objeto definido ou podem evoluir para uma nova abordagem, mas que, frequentemente, apresentam estruturas intermediárias entre a fase inicial e a final do processo. Deste modo, Lewin estabelece a necessidade de correlacioná-los com fontes definidas de energia psíquica e definidas tensões, correlações essas que seriam o cerne do processo psíquico e tão importantes quanto o fato de esses mesmos processos englobarem fenomenicamente o meio externo e o meio interno, juntos formando a estrutura do campo psicológico total. (34)

É essencial notar-se que as fontes de energia psíquica são várias para Kurt Lewin, que se mantém livre de qualquer compromisso em relação a um reducionismo biológico, presente aliás, em várias teorias de motivação e, em particular, para nós, na de Freud.

Esta superposição de campos que configura o espaço vital expressa, em Lewin, o que a superdeterminação representa na Psicanálise.

Nos estudos realizados sobre a intenção e a vontade e nas experiências relativas à influência das intenções nas tarefas interrompidas, Lewin deixa bem claro seu apoio nos conceitos freudianos, o que nos permite, neste trabalho, correlacioná-los tanto quanto seja possível. Sua preocupação é muito mais a busca de um maior rigor científico conceitual. Ele frequentemente percebe o muito de concordância que existe nas teorias, quando se deixam de lado as diferenças de palavras, fazendo sua proposição de H. Feigl "diferenças que não fazem diferença não são diferenças". (33 p. 19)

3.2 - O conceito de Quase-necessidade e Necessidades Genuínas - a Intenção

O ponto crucial do problema de significado das ações é que este significado pode mudar fundamentalmente, mesmo sem haver qualquer alteração de processo gestáltico, desde que a fonte de energia psíquica tenha mudado. Percebemos claramente que a ação motora explícita foi determinada e mesmo desencadeada por uma intenção, intimamente relacionada com estados de tensão em alguma região do espaço vital, equivalente a "forças" capazes de desencadear conduta.

Todas as vezes, portanto, que se instala, proveniente das mais diversas fontes de energia, uma intenção, há sempre uma tendência à consumação da ação para que se restabeleça o equilíbrio interno, pondo-se termo à quase-necessidade.

Nos experimentos em que a ação consumatória da intenção foi substituída por outra tarefa (Lewin, 1926) , verificou-se que:

- i) - o indivíduo frequentemente resiste à interrupção se, na primeira atividade, há uma realização real de desejo (intenção);
- ii) - tão logo complete a segunda atividade, há forte tendência a reassumir a interrompida;
- iii) - frequentemente o indivíduo reassume espontaneamente a tarefa interrompida;
- iv) - a tendência à reassunção fica enfraquecida se existe uma relação objetiva específica entre a atividade original e a que a interrompeu; neste caso, a segunda atividade funciona como ação substitutiva, equivalente à ação consumatória.

Os resultados dessas experiências demonstram que há realmente um efeito das intenções, isto é, um estado de tensão nas regiões, que determina uma "necessidade" de restabelecer o equilíbrio inicial.

"... whenever an intention is existant we will assume that a quasi-need is present". (35 p.123)

Uma intenção não é, assim, um fato isolado, mas situa-se com um complexo psíquico, pertencendo a uma ação como um todo. A oportunidade que o meio propicia para a consecução da intenção (occasion) não tem efeito e não funciona como deflagrador de conduta, se a ação intencional já foi consumada; porém, se por outro lado, a ocasião propiciadora não corre, a quase-necessidade não é simplesmente cancelada, ainda que aparentemente a intenção possa parecer ter sido esquecida. Tão logo indícios desencadeantes sejam percebidos pela pessoa, a intenção novamente se reativa e elicia conduta, demonstrando que permaneceu viva

("alive"), em estado latente, correspondendo a um estado de quase-necessidade no espaço vital.

Por outro lado, quando o estado de expectativa atinge a um nível muito alto e a demora do meio em fornecer desencadeantes (trigger) é muito longa, pode-se iniciar prematuramente a ação consumatória (35 p. 125). Os experimentos realizados por Lewin (1926) demonstraram também que o tempo não deve ser levado em consideração maior entre as causas reais do esquecimento, muito mais relacionado com a intensificação das quase-necessidades, e estas, ligadas, evidentemente, ao significado das intenções.

Cabe assim, estabelecer uma conceituação precisa dos termos - necessidade e quase-necessidade - porquanto foram usados por Lewin de uma forma nem sempre suficientemente clara.

Em 1926, Lewin propõe: "Whether or not an intention is carried out in the face of obstacles depends not on the intensity of the act of intending, but rather on the broader goals of will, or natural needs, on which the intention rests". (35 p. 112)

No mesmo artigo (35 p. 124,125), entretanto, ele estabelece a possibilidade de certas intenções resultantes de impulsos externos ("external drive stimuli") as quais "imply states of tension which press toward satisfaction", satisfação essa que elimina o estado de tensão e que é por ele descrita como saciação psicológica.

Em 1938, retornando ao assunto diz: "... Whenever a psychological need exists, a system in a state of intention exists within the individual. This hypothesis includes also "quasi-needs" resulting from intentions. The empirical facts to which this statement refers, are those acts or behavior which generally are recognised as a syndrome indicating a need; it refers, furthermore, to the after-effect of an intention". (33 p. 99)

Desta forma, fica bastante obscuro o conceito de necessidade.

Parece-nos válido afirmar que, no primeiro trecho citado, Lewin se refere a necessidades ligadas à experiência de satisfação biológica. Seriam, então, as também por ele chamadas de necessidades genuínas (genuine needs).

No segundo trecho, as intenções espelhariam uma necessidade que não está mais comprometida com fontes somáticas, mas que também correspondem, no espaço vital, a um estado de tensão.

Por fim, no último trecho, a palavra necessidade está sendo usada como sinônimo de tensão, segundo ele próprio afirma: "... In other words the term "need" will have to be replaced by more precise behavioral symptoms for tension". (33 p. 99)

Deste modo, relaciona ele intenção com tensão e chama a esta última de quase-necessidade.

Este desleixo conceitual se torna tanto mais grave se levamos em conta a preocupação com o rigor pretendido e defendido por Lewin e, sobretudo, pelas críticas que agudamente fez a muitos teóricos da Psicologia, lamentando mesmo a inconsistência e ambiguidade havidas em suas proposições.

Acreditamos, portanto, indispensável uma sistematização:

- a) - necessidades genuínas (genuine needs or natural needs) - quando ligadas à experiência de satisfação biológica;
- b) - quase-necessidades (quasi-needs) - quando criam estados de tensão, "trazendo consigo" uma força (intenção) a qual busca o reequilíbrio do sistema pela satisfação dessa mesma quase-necessidade criada.

Fazendo uma relação com os conceitos freudianos, teríamos, partindo dos conceitos básicos de Lewin:

LEWIN	FREUD
necessidades genuínas	impulsos somáticos vindos da fonte pulsiva
quase-necessidade	discrepância entre Memória e Percepção
intenção	desejo
ocasião	identidade perceptual entre memória e percepção do objeto

As intenções resultantes das quase-necessidades são, assim, os motivos da conduta. Esta se fará segundo os modos aprendidos e será desencadeada sempre que se estabelecer relação entre as regiões da intenção e as ocasiões relevantes (valência)*.

Em que pese a relação, muitas vezes existente, entre necessidades genuínas e quase-necessidades, é bem clara a hipótese de Lewin quanto à autonomia das quase-necessidades em muitos estados motivacionais. A relação e o conflito das quase-necessidades e as necessidades genuínas conduz-nos ao problema da "liberdade" de intenções. A extraordinária liberdade que o homem tem para desejar qualquer coisa, mesmo em ações sem sentido, ou seja sua liberdade para criar em si mesmo quase-necessidades, é surpreendente. (35 p. 136)

Parece-nos bastante oportuno o comentário de D. Rapaport (1951) a respeito deste trecho, relacionando-o à autonomia dos diferentes níveis de motivação, que, na Psi

*Será estudado detalhadamente no item 3.4 deste capítulo.

canálise atual, aparece como o problema da relativa autongmia do ego. (35 p. 136 n.)

3.3 - Tensão, Força, Locomoção

Partindo destas afirmativas:

"... A person can be considered as a system of dynamically more or less inter-dependent sub-systems ... There are great individual differences, not only in the degree of differentiation, but also in the type of structure ... One of the outstanding dynamic characteristics of such a system is its tension (t). The concept of tension is closely related to that of need, ... The satisfaction of the need corresponds to a release of the tension within this system" (33 p. 97), Lewin conceitua tensão nos seguintes termos: estado de um sistema de um indivíduo, com as seguintes propriedades:

- a) - é um estado de um sistema S que tenta modificar-se no sentido de tornar-se igual ao estado dos sistemas vizinhos S_1, S_2, \dots, S_n
- b) - envolve forças nas paredes do sistema S em tensão.

Esta formulação indica que a tensão em um sistema S tem que ser determinada, sempre relativamente à tensão dos sistemas vizinhos. (33 p. 98)

Surpreende-nos novamente a presença de certa ambiguidade absolutamente incompatível com o rigor científico pretendido por Lewin. A definição de tensão, formulada em termos de diferença de intensidade energética entre uma área e outra, refere-se apenas a um dos tipos de tensão (cf. p. 21), capaz de gerar uma força de gradiente ($F=\nabla U$) que desencadeará o escoamento da energia em excesso de um sistema para o outro, desde que os limites entre eles se

jam permeáveis a esse escoamento.

Embora encontremos inúmeras referências difusas à tensão intra-sistêmica, como, por exemplo, no próprio início da citação por nós feita, Lewin não a considera quando define tensão, o que é um lapso conceitual gravíssimo, principalmente em se tratando de modelos de motivação.

A força de gradiente que se instala quando uma região entra em tensão, rompendo-se o equilíbrio inter-sistêmico, leva à reorganização de toda a estrutura, ou melhor, a um deslocamento de equilíbrio, visto que, para a restauração do equilíbrio, foi necessária a modificação de todas as grandezas da estrutura a fim de se garantir a integridade da totalidade.

Admitir-se, portanto, o deslocamento de equilíbrio, é admitir, implicitamente, o conceito de locomoção, de direcionalidade.

Sabemos que gradiente, ou seja, a diferença entre duas grandezas ao longo do espaço, é vetorial, relacionada, portanto, à noção de força. "... One of the properties of psychological forces, that is, of those dynamic facts which are commonly assumed as "causes" of change, is their directedness. The geometry of direction in the life space can be determined by the axioms of hodological space. Forces, however, are not geometrical but dynamical constructs: they have to be coordinated to certain psychological processes; they depend upon other dynamical facts - for instance, upon tension; they possess, aside from directedness, strength and a point of application". (33 p. 71) Direcionalidade e intensidade podem ser matematicamente representadas por um vetor; o ponto de aplicação relaciona-se com o conceito de valência que nada mais é do que uma força de campo.

Assim, locomoção não é resultado de uma força, mas de uma totalidade de forças agindo sobre uma dada região ou a ela relacionada.

Esta hipótese proposta por Lewin é por ele mesmo questionada, quando acredita ser um tanto difícil, em Psicologia, sustentarem-se conceitos estritamente físicos. Por outro lado, porém admite que "... any psychological school using the concept of equilibrium (in other words, practically every school) assumes for itself the right to presuppose the concept of resultant forces, for an equilibrium is constellation of forces with the resultant zero". (33 p. 84)

Admite também que "if the resultant of psychological forces acting on a region is greater than zero, there will be a locomotion in the direction of the resultant force, or the structure of the situation will change so that the change is equivalent to such a locomotion". (33 p. 85)

É muito importante, pois, verificarmos que a reestruturação de campo consequente a um deslocamento do equilíbrio é mudança, é locomoção. Entretanto, nem toda locomoção é resultado de forças psíquicas. Ela pode também ser o final da ação de forças não psíquicas, isto é, não sujeitas às leis do espaço vital. Em outras palavras, existem três tipos de influências na locomoção havida no espaço vital de uma pessoa:

- i) - influências estritamente físicas - a determinação do que acontece à pessoa é independente de sua entrada ou não no espaço vital; a conduta corrente tem como causa eventos que não estão no espaço vital da pessoa.
- ii) - influências originariamente extra-psicológicas, mas que se incorporaram ao espaço vital da pessoa;
- iii) - influências predominantemente psicológicas, desencadeando processos psíquicos.

Lewin discute estes tipos de influência quando admite que os "mundos psicológicos" de uma pessoa são unidades dinamicamente abertas, isto é, há algumas influências vindas de fora sobre o espaço vital. (32 p. 70). Entretanto, a clareza Lewiniana novamente claudica e o resultado é uma certa confusão entre os três tipos (32 p. 68, 75, 33 p. 86). Parece-nos contudo que Lewin se preocupa mais com as influências relacionadas nos itens ii e iii e também com o fato de que a grande diferença entre o mundo psíquico e o físico reside exatamente em que "... there are no boundary points in the psychical world which depend on nonphysical factors". (32 p. 74)

De qualquer modo, apesar dessas obscuridades, fica bem explícito, na teoria de campo, que "... a psychological force is as real as any other kind of dynamical construct in psychology and certainly as real as a physical force". (33 p. 87) Fica também bastante claro que a confluência de forças determina a locomocão.

3.4 - Valência

Na teoria de campo, o constructo valência tem um papel fundamental na determinação da conduta já que é peça essencial no modelo de motivação.

Entretanto, em que pese a profunda erudição científica de Lewin, este não consegue evitar alguns erros de conceituação, ao efetuar a transposição das ciências físicas para as ciências do comportamento. Ao tratar do conceito de valência postula o seguinte:

- i) - "... A region G which has valence ($V_a(G)$) is defined as a region within the life space of an individual (P) which attracts or repulses this individual". (33 p. 88)

$V_a(G) > 0$, então $|f_{P,G}| > 0 \rightarrow$ valência positiva
 $V_a(G) < 0$, então $|f_{P,G}| > 0 \rightarrow$ valência negativa

ii) - o conceito de valência acima definido não implica em qualquer condição específica concernente à origem da atração ou da repulsão da valência em em si; meramente indica que: "... for whatever reason, at the present time and for this specific individual a tendency exists to act in the direction toward this region or away from it" .
(33 p. 88)

iii) - esta definição relaciona o conceito de valência com o de força. Entretanto, para Lewin, "... the valence is not a force. It has no direction, but merely strength. Therefore it is not a vector but a scalar". (33 p. 92) A intensidade da força $f_{P,G}$ não depende apenas da intensidade da valência mas, por exemplo, depende também da relativa posição de P e G "... The strength of the force is a function at least of two factors, namely, the strength of the valence (V_a) of G and the distance (e) between the person P and the valence. In other words,

$$|f_{P,G}| = \frac{(V_a)_G}{e_{P,G}} \quad \text{" (33 p. 89)}$$

iv) - "... Thus a valence $V_a(G)$ does not correspond to only one force but to a variety of forces $f_{X,G}$ from different regions X to G. These forces will be different in strength and direction".
"... The totality of these forces we will call a "force field". (33 p. 89,90)

v) - uma valência, positiva ou negativa, corresponde assim a um campo de forças onde, respectivamente, todas elas estão dirigidas à mesma região ou em que as direções são no sentido de afastamento

daquela região. Teríamos assim um campo central positivo ou um campo central negativo.

Ora, o conceito de campo de forças em Física p_g de ser assim expresso:

$$f = \frac{M \cdot m'}{d^2} K \quad \text{em que:}$$

- M - massa da Terra
- m' - massa da partícula
- d² - quadrado das distâncias
- K - constante de gravitação

Existe, assim, uma entidade distribuída uniforme e continuamente em todo esse meio. Logicamente, admite-se a existência de uma força em cada ponto independente de haver, ou não, algum fator de comprovação desta força que, entretanto, só se tornará atuante no momento que houver a existência da partícula.

Enquanto isto não ocorre, consideramos a massa da partícula como sendo unitária, e a definição fica expressa do seguinte modo: $f = \frac{M \cdot 1}{d^2} K$. Lewin entretanto, ao usar homologicamente essas dimensões conceituais, comete sérios lapsos. Senão vejamos:

- i) - Lewin (1938) coloca a existência de forças de campo condicionais à presença do indivíduo; "... as in physics, the force, of a force field are only conditional* ones; they are those forces which would exist in a region if the individual should be located in this* region". (33 p. 90)

Frente aos elementos colhidos da Física, claramente observamos que o termo força condicional deveria ser substituído por força existente, isto é, força que depende de (M), (m') e (d).

*o grifo é nosso.

Por outro lado, a especificação da região onde está situado o indivíduo é irrelevante. Ao invés de dizer: "localizado nesta região", teria sido melhor expressar: "localizado em qualquer região que esteja sob a influência de (M)".

- ii) - para definir a força que aumenta com a intensidade da valência mas que diminui com a distância, Lewin usou, sem dúvida nenhuma, a fórmula do Campo de Forças porém, lamentavelmente, omitiu um elemento essencial que é P (pessoa). Comparando as fórmulas, temos

$$|f_{P,G}| = \frac{V_a(G)}{e_{P,G}} \quad e \quad f = \frac{m \cdot m'}{d^2}$$

onde:

V_a(G) corresponde à massa (M) de um campo gravitacional ou à carga elétrica que vai gerar um campo de forças;

e_{P,G} é a distância entre a região da pessoa e a região da valência.

Fica assim faltando a correspondência com (m) que seria a própria pessoa, como fator de comprovação (não de condição) da existência da força de campo. Preferimos assim reescrever (com Carlos Paes de Barros em comunicação pessoal) a fórmula do seguinte modo: $|f_{P,G}| = \frac{V_a(G) \cdot P}{e_{P,G}}$ em coerência com a definição da Física, da qual é homogênea.

Aliás, é de convir, estamos apenas diante de um lapso, visto que, seguramente, Lewin (1938) tinha em mente as duas grandezas (M) e (m), pois ao formular a idéia básica da abordagem teórica de campo deixa bem claro: (33 p. 89, 90, 96, 107)

i) - cada comportamento (Be) é uma função do espaço vital total (L) que inclui ambos, a pessoa (P) e o meio (E)

$$Be = F(L) = F(P, E)$$

ii) - a valência Va (G) que um objeto ou atividade (G) possui para uma pessoa num dado momento, depende do caráter e estado da pessoa (P) e da natureza percebida do objeto ou atividade (G).

iii) - a existência de uma valência é equivalente a um campo de forças; a força fP,G é uma função da valência (G) e da relativa posição de P e G ou

$$f_{P,G} = F\left(\frac{V_a(G)}{e_{P,G}}\right)$$

Mas, como sabemos que Va depende das características de momento (t) relativas à pessoa, temos:

$$f_{P,G} = F \frac{t}{e_{(P,G)}} \cdot G$$

Nesta última fórmula, fica bem clara a idéia das duas grandezas, já que corresponde perfeitamente à conceituação de campo de forças. Se não, vejamos:

$f = \frac{\text{Val. tensão}}{\text{dist.}} \cdot \text{estr. cogn.}$
$f = \frac{M \cdot m}{d^2} \cdot K$

Acreditamos poder concluir, em contrário ao proposto por Lewin (33 p. 92), que: a) (G) não é valência; é um gerador de campo de forças; a valência surgirá da relação entre (G) e (P); b) a valência é uma força, porque tem direção, é vetorial; é uma força de campo atuando sobre o indivíduo colocado neste campo e susceptível desta força.

$$|f_{P,G}| = \frac{V_a G \cdot P}{e_{P,G}} = \frac{M \cdot m'}{d^2} \cdot K$$

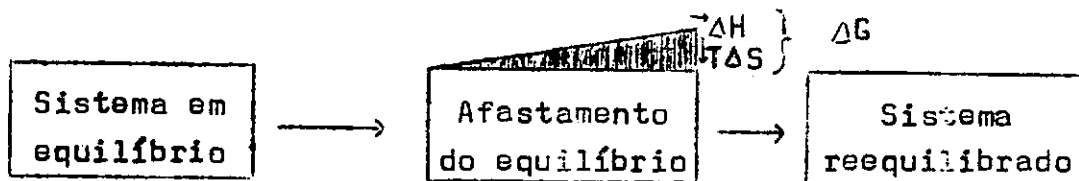
c) a locomoção baseia-se na força de gradiente resultante de tensão intersistêmica das regiões; d) a diminuição de gradiente, que se processa à medida em que a energia se desloca para as regiões vizinhas, explica porque quanto mais próximo (P) está do objetivo, a velocidade de locomoção diminui, em vez de aumentar.

Estas conclusões são de mais alta importância se desejamos comparar a teoria proposta por Lewin aos modelos usuais de motivação. Aplicando-se homologamente a equação de Gibbs aos conceitos lewinianos, teremos: $\Delta G = \Delta H - T\Delta S$ onde
 força generalizada ΔG = força generalizada que é causa da ação intencional

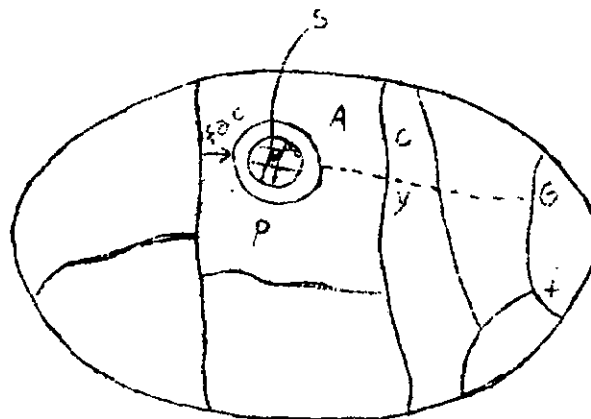
força generalizada ΔH = valência resultante da relação entre G e P (tensão intersistêmica) - força de gradiente

força generalizada $T\Delta S$ = impulso resultante da quase-necessidade que fará o sistema reduzir a tensão (tensão intra-sistêmica)

Usando o recurso gráfico, temos:



Usando a própria representação topológica, proposta por Lewin, temos:



Onde:

Sistema S - sistema do indivíduo que está em tensão co
respondendo à quase-necessidade, relacionada
a G $\boxed{T \Delta S}$

Região G - gerador de um campo de forças onde P é uma
partícula que está no raio de atração de G

Va (G,P) - valência resultante da relação G e P $\boxed{\Delta H}$

Y - locomoção $\boxed{\Delta G}$

Na conclusão do presente trabalho - objeto do ca
pítulo subsequente - serão confrontados os conceitos de mo
tivação de Lewin e Freud, tomando-se como referência o mode
lo da Teoria de Sistemas.

4. C O N C L U S Õ E S

No decorrer dos capítulos anteriores, tivemos a oportunidade de mostrar a importância dos modelos formais de motivação, nas teorias de Freud e Kurt Lewin. O critério desta escolha foi discutido na Introdução deste trabalho. Além disso, foram focalizados problemas de metodologia científica e noções gerais sobre teoria de Sistemas em Equilíbrio. Por outro lado, propusemo-nos, ao fazer a análise dos constructos motivacionais destes autores, a realizar também um estudo comparativo entre eles e verificar a relevância dos mesmos dentro de uma abordagem de dinâmica de Sistemas.

Para que isso fosse possível, tornou-se necessário buscar uma definição generalizada do conceito de motivo. Com este fim, preocupamo-nos, inicialmente, em analisar os modelos propostos por outros autores e em particular nos detivemos:

- i) - nas comparações realizadas por Madsen em "Teorias de la Motivacion" (40);
- ii) - nos excertos coletados por Bindra em "Motivation" (5);
- iii) - nos trabalhos de Maslow e E. Murray (41,42);
- iv) - nas análises sobre psicologia da motivação feitas por Cofer e Appley (10) e Bindra (4);
- v) - no artigo de George S. Klein "Peremptory Ideation: Structure and Force in Motivated Ideas" (28);
- vi) - nas teorias psicofisiológicas de motivação discutidas por Grossman (27).

Desse estudo, concluímos que as teorias de motivação, embora divergentes em muitos pontos, e sem nos atarmos a quaisquer posições metodológicas por elas tomadas, são concordes em postular motivo como sendo um fator interno que dá início, dirige, seleciona, coordena e integra a conduta humana. Estímulos externos bem como estímulos internos podem ativar conduta mas não são motivos até se tornarem significativos, isto é, quando cognitivamente representados como um desejo ou uma intenção.

Este fator interno corresponde, portanto, ao funcionamento de um sistema intercalado que sinaliza necessidades e faz desencadear conduta. Da comparação das duas teorias examinadas, verificamos ser possível formulá-las em termos da teoria de Sistemas em Equilíbrio.

Em primeira aproximação, podemos estabelecer a homologia com um sistema em quase-equilíbrio ou estado estacionário (steady-state), Temos:

- a) - Estado inicial do sistema - "estado estacionário" onde a velocidade das transformações é diferente de zero e o potencial (nível de tensão) é mínimo;
- b) - Transformação reversa - causada pela presença de forças ou exteriores ou internas, elevando o potencial;
- c) - Sistema afastado do estado estacionário - nível de tensão acima do mínimo, fazendo surgir uma força (F) redutora desta tensão. A essa força damos o nome de motivo.

obs. - a presença de um desencadeante (trigger), capaz de eliciar descarga, será necessária se a força (F) for compensada por alguma ligação estrutural;

- d) - Transformação espontânea - causada pela força (F) (e desencadeada pelo agente deflagrador, quando necessário);

- e) - Estado final - a transformação espontânea faz o sistema retornar ao estado estacionário inicial.

Entretanto, nas teorias sobre motivação, o processo vai correlacionar-se melhor com o deslocamento de equilíbrio em que há redistribuição dos parâmetros e componentes do sistema, de modo a atingir uma nova configuração de equilíbrio.

Apoiando-nos neste modelo geral, com suas etapas definidas, podemos estabelecer uma síntese comparativa dos constructos propostos por Freud e Kurt Lewin:

4.1 - Modelo Freudiano

4.1.1 - No Sistema Psi-nuclear (Ψ_n)

- a) Estado inicial - estado estacionário com a manutenção da intensidade (U) num mínimo ("constante");
- b) Transformação reversa - causada por força exterior pulsiva (Trieb), proveniente das necessidades somáticas;
- c) Sistema afastado do estado estacionário - elevação do nível de catexe, fazendo surgir um impulso (Drang) para descarregar o acréscimo de excitação, restabelecendo a intensidade original;

obs. - A presença do fator desencadeante (trigger) só será necessária se o "Drang" for compensado por estruturas topográficas. Neste caso, o agente de flagrador será o sinal de Psi pallium (Ψ_n) indicando a obtenção da identidade perceptual;

- d) Transformação espontânea - reflexo adequado ou ato consumatório (função neurônica secundária);
- e) Estado final - retorno ao nível de constância do estado estacionário inicial.

4.1.2 - No Sistema Psi-pallium (Id)

- a) Estado inicial - os engramas dos objetos estão de-catetizados;
- b) Transformação reversa - causada pela energia exterior a Psi-Pallium - proveniente do aumento de catexa em Psi nuclear - que energiza a imagem mnêmica do objeto de satisfação;
- c) Sistema afastado do estado estacionário - a energização de engramas evocando memória do objeto de satisfação - estabelecendo a discrepância entre memória e percepção - faz emergir o impulso de desejo (Wunschregung) no sentido de restabelecer a percepção do objeto;
- d) Transformação espontânea - busca do objeto, não necessariamente real;
- e) Estado final - satisfação de desejo primário, isto é, obtenção da identidade perceptual (com objeto real ou alucinado).

4.1.3 - No Sistema Ego

- a) Estado inicial - os engramas dos objetos estão de-catetizados;

- b) Transformação reversa - causada pela energia exterior a Psi-pallium - proveniente do aumento de catexes em Psi nuclear - que energiza a imagem mnêmica do objeto de satisfação;
- c) Sistema afastado do estado estacionário - a energização de engramas evocando memória do objeto de satisfação - estabelecendo a discrepância entre memória e percepção - faz emergir o impulso de desejo (Wunschregung) no sentido de restabelecer a percepção do objeto.
- d) Transformação espontânea - busca do objeto real;
- e) Estado final - satisfação de desejo secundário, isto é, obtenção da identidade perceptual com o objeto real.

4.2 - Modelo Lewiniano

- a) Estado inicial - a tensão das diferentes regiões do Espaço vital mantém-se em equilíbrio intersistêmico;
- b) Transformação reversa - causada por forças provenientes de fontes extrínsecas (necessidades genuínas) ou intrínsecas (necessidades psicológicas ou quase-necessidades);
- c) Sistema em afastamento de equilíbrio - elevação do nível de tensão acima da amplitude aceita pelo sistema, trazendo consigo a intensão, isto é, uma força (motivo) que tende a fazer voltar o sistema ao seu equilíbrio inicial.

obs. - o agente desencadeante será a valên
cia, ou seja; a relação entre a pes
soa (P) e a região (G) geradora de
campo de força.

- d) Transformação espontânea - locomoção - ação intencional.
- e) Estado final - reestruturação do espaço. vi
tal - apagamento das quase-necessidades.

Mediante estas comparações, podemos, de forma su
mária, chegar às seguintes conclusões:

1. - Toda conduta é superdeterminada e, entre o sujei
to e o meio circundante, haverá sempre uma rela
ção necessária que os coloca numa situação estru
tural, de interdependência; há, portanto, neces
sidade de o indivíduo manter sistemas definidos com a função de sinalizar e traduzir estados de necessidade, permitindo e propiciando respostas adequadas. Em outras palavras, o motivo corres
ponde a esta organização sistêmica capaz de, se
lecionando estímulos (agentes causais), determi
nas e limitar as respostas possíveis, utilizando sinais e mobilizando cadeias de descargas. As próprias respostas escolhidas, por sua vez, de
terminarão a reestruturação do sistema que cada vez mais se tornará diferenciado no curso do de
se
envolvimento.
2. - Para que o sistema motivacional possa operar em condições adequadas precisa estar ativado conve
nientemente, o que ocorrerá obedecendo a um ou
tro sistema que scia "sistema ativador", extra
motivacional, independente, porém conectado com o sistema motivacional. O estado de ativação não seria, assim, por nós considerado como um estado motivacional à despeito da opinião de Lindsley

(1951, 1957, 1960) e outros (27); consideramo-lo apenas um pré-requisito para o funcionamento do sistema de motivação.

3. - Os fatores causais da conduta podem ser, homologicamente, expressos pelos elementos da equação de Gibbs

$$\Delta G = \Delta H - T\Delta S.$$

Sabemos que há autores que reduzem o conceito de motivo a afastamento do nível mínimo de tensão e, portanto, para esses, a conduta motivada traduz o impulso para trazer a tensão do sistema ao nível original. Outros, porém, colocam motivação apenas em termos de busca de objetos (de desejo ou de valência). Para os primeiros, a explicação do comportamento seria redutível a $T\Delta S$; para os segundos, bastaria ΔH . Para nós, entretanto, a combinação dos dois fatores é essencial e todo o nosso esforço foi o de, inicialmente, explicar os modelos formais de motivação em Freud e em Lewin, exatamente, através desta combinação.

4. - Por outro lado, partindo do pressuposto inicial destas conclusões, isto é, que a conduta humana é superdeterminada, temos que admitir a confluência não de duas mas de n causas, de tal modo que é lícito acrescentar, aos fatores da equação de Gibbs, outros não menos importantes.

Ainda que, no momento, não nos seja possível ou, mesmo, seja relevante determinar todas as possibilidades de influência no comportamento humano, parece-nos essencial a indicação de que os dois fatores não esgotam as causas da conduta.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- 1 - BARROS, C.P. A Physico - Theoretical Framework for the Sistematization of Freud's Metapsychology (Preliminary outline). Rio de Janeiro, 1967. Mimeographed paper.
- 2 - BARROS, C.P. Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology. In: ARIETI, S., ed. The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy. New York, Basic Books, 1971.
- 3 - BENJAMIN, A. Cornelius - Operationism. Springfield, Illinois, Charles C. Thomas Publisher, 1955.
- 4 - BINDRA, D. Motivation, a Sistematic Reinterpretation. New York, the Ronald Press Company, 1959.
- 5 - BINDRA, D. & STEWART, J. Motivation - Selected Readings. Middlesex, Penguin Books, 1966.
- 6 - BREUER, J. & FREUD, S. Studies on Hysteria, 1895. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth 1955, v. 2.
- 7 - BROWN, J.F. Topology and Hodological Space. In: MARX M. Psychological Theory. New York, MacMillan, 1951.
- 8 - BUNGE, Mario. Causalidad. Buenos Aires, Editorial Universitaria, 1961.
- 9 - BUNGE, Mario. La Investigacion Cientifica, Barcelona Ediciones Ariel, 1969.
- 10 - COFER, C.N. & APPLEY, M.H. Psicologia de la Motivacion. Mexico, Editorial F. Trillas S.A., 1970. Preedicion. caps. 1-9-15.
- 11 - FREUD, S. Draft D. 1954. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1966. v. 1, p. 186-187. escrito em 1894.
- 12 - FREUD, S. The Neuro - Psychoses of Defence, 1894. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1962, v. 3.

- 13 - FREUD, S. Heredity and the Aetiology of the Neuroses, 1896. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London Hogarth, 1962. v. 3.
- 14 - FREUD, S. The Interpretation of Dreams, 1900. In : STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth 1953. v. 4-5.
- 15 - FREUD, S. Instincts and their Vicissitudes, 1915. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1957. v. 14.
- 16 - FREUD, S. A Metapsychological Supplement to the Theory of Dreams, 1915. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1957. v. 14.
- 17 - FREUD, S. An outline of Psycho-Analysis, 1938. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1964. v. 23.
- 18 - FREUD, S. A Reply to Criticisms of my paper on Anxiety Neurosis, 1895. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition, London, Hogarth, 1962. v. 3.
- 19 - FREUD, S. Repression, 1915. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1957. v. 14.
- 20 - FREUD, S. The Unconscious, 1915. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1957. v. 14.
- 21 - FREUD, S. Introductory Lectures on Psycho-Analysis, 1916-1917. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1963. v. 15-16.
- 22 - FREUD, S. Beyond the Pleasure Principle, 1920. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1955. v. 18, p. 1-64.
- 23 - FREUD, S. The Ego and the Id, 1923. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1961. v. 19.
- 24 - FREUD, S. A Project for a Scientific Psychology, 1950. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1966. v. 1. escrito em 1895.

- 25 - FREUD, S. & BREUER, J. On the Theory of Hysterical Attacks, 1892. In: STRACHEY, J. ed. Standard Edition. London, Hogarth, 1966. v. 1.
- 26 - GARCIA - ROZA, L.A. Psicologia Estrutural em Kurt Lewin. Rio de Janeiro, Editora Vozes Ltda, 1972.
- 27 - GROSSMAN, S.P. A Textbook of Physiological Psychology. New York, John Wiley & Sons Inc., 1967, cap. 11.
- 28 - HOLT, Robert R. Motives and Thought: Psychoanalytic Essays in Honor of David Rapaport. In: Psychological Issues. Vol. 5, 2-3, 18/19, International Universities Press. Inc.
- 29 - JONES, E. Sigmund Freud: Life and Work. London, Hogarth, 1956-1958.
- 30 - KOHUT, H. & SEITZ, F.D. Concepts and Theories of Psychoanalysis. In: WEPMAN, J.M. & HEINE, R.W. Concepts of Personality. London, Methuen, 1964. cap. 5.
- 31 - LAPLANCHE, J. & PORTALIS, J.B. Vocabulaire de la Psychanalyse. Paris, Presses Universitaires de France, 1967.
- 32 - LEWIN, Kurt. Principles of Topological Psychology. New York. McGraw-Hill Book Company, 1936.
- 33 - LEWIN, Kurt. The Conceptual Representation and the Measurement of Psychological Forces. Iowa City, Duke University Press, 1938.
- 34 - LEWIN, Kurt. Comments Concerning Psychological Forces and the Structure of the Psyche. In: RAPAPORT, D. ed. Organization and Pathology of Thought. New York. Columbia University Press, 1951.
- 35 - LEWIN, Kurt. Intention, Will and Need. In: RAPAPORT, D. ed. Organization and Pathology of Thought. New York, Columbia University Press, 1951.
- 36 - LEWIN, Kurt. Teoria de Campo em Ciência Social. São Paulo, Pioneira Editora, 1965.

- 37 - LEWIN, Kurt. Dinamica de la Personalidad. Madrid, Ediciones Morata, S.A., 1969.
- 38 - LISBONA, Yolande. Equilíbrio, Atividade e Reversibilidade na Teoria de Jean Piaget. Rio de Janeiro, PUC/RJ, 1971. Tese de Mestrado.
- 39 - LOTKA, A.J. Elements of Mathematical Biology. New York, Dover Publication Inc., 1956.
- 40 - MADSEN, K.B. Teorias de la Motivacion. Buenos Aires, Editorial Paidós, 1967.
- 41 - MASLOW, A.H. Motivación y Personalidad, Barcelona, Harper e Brothers Sagitaris S.A., 1954.
- 42 - MURRAY, E. Motivação e Emoção. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1967.
- 43 - PIAGET, J. O Estruturalismo. São Paulo, Saber Atual, 1970.
- 44 - RAPAPORT, D. On The Psychoanalytic Theory of Motivation. In: Nebraska Symposium on Motivation, 1960.
- 45 - RAPAPORT, D. Organization and Pathology of Thought. New York, Columbia University Press, 1951 a.
- 46 - RUBINSTEIN, B.B. Psychoanalytic Theory and the Mind-Body Problem. In: N.S. GREENFIELD & W.C. LEWIS eds. Psychoanalysis and Current Biological Thought, Madison: University of Wisconsin Press, p. 35-36, 1965.

Tese apresentada aos Srs.:

Carlos Paes de Barros

Carlos Paes de Barros

Aroldo Rodrigues

Aroldo Rodrigues

Horus Vital Brasil

Horus Vital Brasil

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 25/1/1973

[Handwritten Signature]

Coordenador dos Programas de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências

Fimancas